

## JANEIRO / 2017

### **INTERNACIONAL**

#### **EUROPA**

Embora as vendas no varejo, na zona do euro, tenham decepcionado em dezembro, com o recuo de 0,3% ante novembro, o PIB da região apresentou um avanço de 0,5% de outubro a dezembro de 2016, frente ao trimestre anterior e de 1,8% na base anual, conforme prévia da agência Eurostat.

Em relação ao mercado trabalho, foi divulgado que a taxa de desemprego em dezembro caiu para 9,6%, o nível mais baixo desde maio de 2009. O país com a menor taxa de desemprego continuou sendo a Alemanha com 3,9% e o maior a Grécia com 23%.

Por outro lado, a inflação do consumidor voltou a acelerar e se aproximou da meta do BCE de 2%. A inflação de janeiro foi de 1,8% na base anual, depois de ter registrado em dezembro 1,1%. O maior impacto foi novamente o do aumento dos preços da energia e dos alimentos não elaborados. Resta aguardar a confirmação se é uma tendência.

Em sua última reunião em janeiro, o Banco Central Europeu manteve a política monetária ao não alterar a sua taxa de depósitos, hoje em -0,4% e a do custo do crédito em 0%. Foram também mantidos os estímulos quantitativos mensais para ajudar na recuperação da economia, que seguem em curso.

#### **EUA**

Conforme a primeira estimativa divulgada pelo Departamento de Comércio, o PIB americano no quarto trimestre de 2016 subiu apenas 1,9% em taxa anualizada, enquanto os analistas esperavam 2,2%. Assim, a maior economia do mundo teve um avanço de 1,6% no ano passado, depois de crescer 2,6% em 2015. A perda de ritmo no último trimestre do ano refletiu a queda das exportações, uma aceleração nas importações e uma desaceleração dos gastos do governo federal.

Já a criação de novos empregos não agrícolas, em janeiro, estimada em 175 mil vagas, foi efetivamente de 227 mil vagas. A taxa de desemprego, no entanto, subiu de 4,7%, em dezembro para 4,7%, com a maior procura de emprego.

#### **ÁSIA**

Na China, o PIB do ano passado avançou 6,7%, depois de ter subido 6,9% em 2015, mas o resultado ficou dentro do esperado pelo governo, que era de um crescimento da economia entre 6,5% e 7% em 2016. Já a atividade industrial registrou em janeiro uma leve desaceleração, mas continuou robusta. No Japão, o banco central manteve a política monetária frouxa e sinalizou a sua confiança na recuperação da economia.

## **MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL**

No mercado internacional de renda fixa, os títulos do tesouro americano, de 10 anos, que tinham rendimento de 2,43% a.a. no final de dezembro, terminaram janeiro com um rendimento de 2,49% a.a., ao passo que os emitidos pelo governo britânico encerraram o mês rendendo cerca de 1,21% a.a. Os emitidos pelo governo alemão fecharam o mês com rendimento de 0,41%. Paralelamente, o dólar se desvalorizou 2,67% perante o euro e 3,56% perante o yen, por exemplo.

As bolsas internacionais tiveram resultados mistos. Enquanto a bolsa alemã subiu 0,47% e a inglesa (FTSE 100) caiu 0,61%, por exemplo. A do Japão (Nikkei 225) caiu 0,38%, enquanto a americana (S&P 500) avançou 1,79%, atingindo nível recorde.

No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent caiu no mês 2,80%.

## **NACIONAL**

### **ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA**

De acordo com o Banco Central, o IBC-Br, considerado uma prévia da evolução do PIB subiu 0,20% em novembro, na comparação com outubro, mas em doze meses a queda foi de 4,96%. Em dezembro, a produção industrial também subiu, desta feita 2,3%, mas a queda em 2016 foi de 6,6% e em três anos de 16,9%.

Por sua vez, a taxa de desemprego chegou a 12% no trimestre encerrado em dezembro, conforme a Pnad Contínua. O contingente de desempregados atingiu 12,3 milhões de pessoas. A renda média de R\$ 2.043,00 ficou estável frente ao trimestre anterior. Em janeiro de 2017 entrou em vigor o novo salário mínimo de R\$ 937,00, 6,48% superior ao do ano anterior.

### **SETOR PÚBLICO**

Conforme informou o banco Central, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 70,7 bilhões em dezembro. No ano de 2016, o déficit acumulado alcançou R\$ 155,8 bilhões (2,47% do PIB), ante déficit de R\$ 111,2 bilhões (1,85% do PIB) em 2015.

As despesas com juros nominais, em doze meses, totalizaram R\$ 407 bilhões (6,46% do PIB). Já o déficit nominal, que inclui o resultado com os juros, foi de R\$ 562,8 bilhões (8,93% do PIB).

A dívida bruta do governo geral (governo federal mais INSS mais governos regionais) alcançou em dezembro R\$ 4,37 trilhões (69,5% do PIB), reduzindo-se 1,0 p.p. em relação ao mês anterior.

### **INFLAÇÃO**

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou que a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), subiu de dezembro para janeiro, de 0,30% para 0,38%, mas ainda assim registrou a menor taxa para o mês de janeiro, desde 1994.

Em doze meses, a alta acumulada foi de 5,35%, após fechar o ano de 2016 com alta de 6,29%. É a menor taxa em doze meses desde os 5,28% de setembro de 2012.

Em janeiro, o aumento das tarifas dos ônibus urbanos foi o destaque na pressão de alta, além dos alimentos e dos combustíveis.

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), subiu 0,42% em janeiro, após a elevação de 0,14% em dezembro e em doze meses fechou com alta de 5,44%.

### **JUROS**

Em sua primeira reunião de 2017, o Copom intensificou o seu ritmo de corte e reduziu a taxa Selic de 13,75% para 13% aa, depois da redução de 14% para 13,75% aa, na última reunião do ano anterior. Na ata do encontro, os membros do comitê concordaram que as evidências apontam um nível de atividade aquém do esperado nos últimos meses e que a inflação caminha para a meta, para justificar a decisão.

### **CÂMBIO E SETOR EXTERNO**

A taxa de câmbio dólar x real, denominada P-Tax 800 encerrou o mês de janeiro com o dólar cotado em R\$ 3,127, com uma desvalorização de 4,05% no mês, de 21,80% em doze meses.

Em dezembro, as transações correntes, apresentaram déficit de US\$ 5,9 bilhões, acumulando no ano de 2016 saldo negativo de US\$ 23,5 bilhões.

Os Investimentos Estrangeiros Diretos – IED apresentaram um ingresso líquido de US\$ 15,4 bilhões, acumulando no ano, um saldo positivo de US\$ 78,9 bilhões. As reservas internacionais terminaram o mês em US\$ 372,2 bilhões e a dívida externa bruta em US\$ 323,7 bilhões.

A Balança Comercial, por sua vez, teve em janeiro de 2017 um superávit de US\$ 2,72 bilhões, o maior superávit para o mês em onze anos.

### **RENDA FIXA**

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de janeiro acabou sendo o do IDkA 20A (IPCA), com alta de 3,46%, seguido do IRF-M 1+ com 2,66% e do IRF-M Total, com 2,28%. Em doze meses, o melhor desempenho foi o do IDkA 20A (IPCA) com 57,36%, seguido do IMA-B 5+ com 31,10% e do IRF-M 1+ com alta de 27,16%.

### **RENDA VARIÁVEL**

Para o Ibovespa, a alta no mês foi de 7,38% e o resultado acumulado em doze meses foi de um expressivo ganho de 59,41%. A entrada de capital externo na bolsa em janeiro, de R\$ 6,24 bilhões foi a mais expressiva desde março do ano passado e colaborou significativamente para que o Ibovespa tivesse alcançado o seu maior patamar desde 2012.

## PERSPECTIVAS

### **MERCADO INTERNACIONAL**

O início do governo Trump foi marcado pelo cumprimento de algumas promessas de campanha, como a retirada dos EUA do acordo comercial Transpacífico, a remodelagem do sistema de saúde criado no governo Obama, entre outras. O mercado agora segue atento e na expectativa de medidas, principalmente em relação às promessas de caráter econômico, como a redução de impostos e regulações, bem como o favorecimento da produção em território americano. Em relação à zona do euro, a atividade econômica iniciou 2017 com força e a retirada dos estímulos do banco central pode ocorrer antes do esperado.

### **MERCADO NACIONAL**

No mercado local, além das expectativas com o novo governo norte-americano, as atenções estarão voltadas para a segunda reunião do Copom em 2017, no mês de fevereiro, depois da mudança do ritmo de corte na primeira reunião e do IPCA de janeiro ser o mais baixo para o mês desde 1994.

Sob a ótica da alocação dos recursos dos RPPS, tendo-se em vista o médio e longo prazos, a nossa recomendação é de uma exposição de 50% nos vértices mais longos (dos quais 20% direcionados para o IMA-B 5+ e/ou IDKA 20A e 30% para o IMA-B Total), 20% para os vértices médios (IMA-B 5, IDKA 2A e IRF-M Total) e 5% para o vértice mais curto, representado pelo IRF-M 1, e mesmo pelo DI, face a constituir uma reserva estratégica de liquidez e proteção das carteiras.

Permanece a recomendação de que, com a devida cautela e respeitados os limites das políticas de investimento é oportuna a avaliação de aplicações em produtos que envolvam a exposição ao risco de crédito (FIDC e FI Crédito Privado, por exemplo), em detrimento das alocações em vértices mais longos. A atual escassez de crédito para a produção e o consumo tem gerado prêmios de risco, que possibilitam uma remuneração que supera as metas atuariais.

Quanto à renda variável, recomendamos uma exposição de no máximo 25%, já incluídas as alocações em fundos multimercado (5%), em fundos de participações – FIP (5%) e em fundos imobiliários FII (5%).

Por fim, cabe lembrarmos que as aplicações em renda fixa, por ensejarem o rendimento do capital investido, devem contemplar o curto, o médio e o longo prazo, conforme as possibilidades ou necessidades dos investidores. Já as realizadas em renda variável, que ensejam o ganho de capital, as expectativas de retorno devem ser direcionadas efetivamente para o longo prazo.

Sugestão de Alocação dos Recursos	
<u>Renda Fixa</u>	75%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	20%
Longo Prazo (IMA-B Total)	30%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2A)	20%
Curto Prazo (IRF-M 1 e CDI)	5%
<u>Renda Variável</u>	25%
Fundos de Ações	10%
Multimercados	5%
Fundos em Participações	5%
Fundos Imobiliários	5%